



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

INTERURBANO: REFLEXÕES SOBRE PÁSSAROS AO TELEFONE.

LONG DISTANCE CALL: THOUGHTS ABOUT BIRDS ON THE PHONE.

Me. Raymundo Firmino de Oliveira Neto
PPGARTES/UFPA

RESUMO

O artigo apresenta as questões conceituais relacionadas ao processo de criação da instalação interativa “Telefone” (2018) apresentada na exposição “Interurbano” (2018), adota-se como referencial teórico a filosofia da caixa-preta de Vilém Flusser (1985), o conceito de mensagem estética de Umberto Eco (2013) e o conceito de espaço aumentado de Lev Manovich (2005). A instalação é o simulacro (BAUDRILLARD, 1991) de um telefone capaz de realizar e receber ligações de pássaros. Nela é estabelecido um jogo lúdico entre a sua interface e o imaginário do interator (GIANNETTI, 2006). Seria esse simulacro dentro do campo da Arte uma forma de refletir a realidade ou mais um meio de escapar dela? Poderia o homem através da tecnologia estabelecer uma via de aproximação com a natureza?

PALAVRAS-CHAVE: Instalação, Espaço Aumentado, Simulacro, Mensagem Estética.

ABSTRACT

The article analyzes the conceptual issues related to the process of creating the interactive installation “Telephone” (2018), delivered to the public at the “Interurbano” (2018) Art and Technology exhibition, it is adopted as a theoretical reference for reflections the black box philosophy by Vilém Flusser (1985), the concept of aesthetic message by Umberto Eco (2013) and the concept of augmented space by Lev Manovich (2005). The installation establishes a simulacrum (BAUDRILLARD, 1991) of a direct communicational channel with nature birds by telephone. It establishes a playful game between its interface and the interactor's imaginary (GIANNETTI, 2006). Was this simulation within the field of Art a way of reflecting reality or another means of escaping it? Could man, through technology, establish a way of approaching nature?

KEYWORDS: Installation, Augmented Space, Simulacrum, aesthetic message.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**



Figura 1: Interação do público com a instalação “Telefone” (2018) durante a exposição “Interurbano” (2018). Técnica: Fotografia. Ano: 2018. Acervo pessoal.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A tecnologia media a comunicação entre os homens desde o tempo dos pássaros mensageiros e os sinais de fumaça, mas o telefone trouxe a possibilidade do homem se comunicar em tempo real, alterando subjetivamente as fronteiras espaço-temporais entre os sujeitos em uma zona de comunicação, uma heterotopia (FOUCAULT, 2009) mediada pela tecnologia. Em contrapartida, os meios de comunicação que surgiram para facilitar a comunicação entre as pessoas alteraram a própria forma delas se relacionarem interpessoalmente, e por que não dizer com a própria natureza? Onde foi parar a paisagem em um mundo onde todos estão conectados entre si?

A instalação artística interativa “Telefone” (2018) foi desenvolvida para ser uma interface (WEIBEL, 1996) para reflexão sobre questões relacionadas a realidade, a comunicação e a natureza na cidade de Belém. A instalação é a apropriação de um aparelho de telefone analógico Ericsson verde alterado eletronicamente para simular o recebimento e a realização de ligações telefônicas com pássaros, ao seu lado encontra-se um caderno com uma lista de números de pássaros que pode ser discada para se ouvir o canto específico de cada um. As espécies listadas dificilmente são encontradas hoje no espaço que é ocupado pela população e a região metropolitana de Belém.

O simulacro da ligação com a natureza é estabelecido em um jogo lúdico com o real e o ficcional na instalação, onde antes cantavam e voavam determinadas espécies de pássaros, hoje é preciso que sejam ouvidas ao telefone. O aparelho antigo simula uma ligação com a natureza, uma distopia anacrônica sobre quando os aparelhos telefônicos tinham fios e as pessoas dependiam menos dos telefones. O pássaro é um símbolo tanto da liberdade, quanto da própria natureza, o telefone uma tecnologia humana simbolicamente capaz de aproximar quem está distante, um ícone das transformações provocadas pela tecnologia na comunicação dos homens.

Este artigo é parte de um projeto poético de pesquisa, criação e experimentação artística denominado “Interurbano” (2018) que está sendo realizado no Doutorado em Artes da Universidade Federal do Pará. A instalação “Telefone” (2018) foi



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

montada durante a exposição “Interurbano” (2018), incentivada pela Fundação Cultural do Estado do Pará através do Programa SEIVA, na Galeria Kamara Kó, Belém-PA, junto com as outras duas instalações “Guarda-chuva” (2018) e “Torneira” (2018). O processo de criação e produção foi registrado em desenho, fotos, vídeo e anotações. Além do desenvolvimento do aparato tecnológico da instalação para se ouvir os cantos dos pássaros ao telefone, apresento no artigo as considerações contextuais da obra aliadas aos conceitos, teorias e influências que nortearam o meu processo de criação enquanto autor-artista-pesquisador.

Adotei uma abordagem metodológica qualitativa a fim de reduzir a distância entre a teoria e a prática, utilizando experiências pessoais em uma observação participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Foi realizado um estudo de caso e uma pesquisa bibliográfica para revisão das ideias norteadoras do fazer artístico tecendo uma rede do processo criativo entre os aspectos estéticos, políticos e conceituais que envolvem a instalação. Com base nos estudos de Cecília Salles (2008) sobre redes de criação, compreende-se a criação enquanto um processo dinâmico sujeita ao acaso e a erros que constroem a obra diante de quebras, rupturas ou descaminhos dentro do universo do inacabamento. Busca-se compreender as motivações da obra, como foi construída e suas perspectivas, ao invés de apenas listar as ações que levaram ao seu resultado.

A cidade de Belém do Pará é um lugar singular para pensar sobre os contrastes da relação entre o homem, a tecnologia e a natureza. Na zona urbana de Belém, o sujeito encontra-se entre prédios de concreto armado e samaúmas, entre as mangueiras e os postes de energia, entre o asfalto urbano e as águas do rio, ou mesmo, entre o desencantamento do mundo (WEBER, 2001) e as encantarias da bacia semântica da cultura ribeirinha (LOUREIRO, 2001). Evidentemente que esses polos não são duros, se misturam e entram em conflito, mas a força do avanço desproporcional de meios tecnológicos e dispositivos, sem a devida preocupação sobre sua influência na paisagem e no cotidiano, sufoca a subjetividade do belenense em relação ao seu próprio meio, as coisas e o mundo. Sob os efeitos do controle exercido pelos dispositivos atuais, muitas pessoas já perderam parte da capacidade de enxergar a função estética do mundo a sua volta. Assim, criou-se um



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

padrão de visão funcional e econômico sobre o meio, os objetos e o espaço em detrimento de sua percepção subjetiva, lúdica e livre no cotidiano. Por outro lado, por estar mais à vontade com o ambíguo, o desconhecido, o incerto, o acaso e o ruído, a arte tornou-se um campo frutífero para explorar essas fissuras contidas na relação entre o homem, a tecnologia e a natureza.

No campo experimental da arte e tecnologia vemos se formar uma estética híbrida, composta por diversas áreas do conhecimento e sem fronteiras rígidas entre real e virtual, perto e longe, natural e artificial, na qual o conceito de interface e as teorias estéticas voltadas ao digital tem uma importância fundamental. A interestética é desenvolvida por Arantes (2005) justamente para tratar a obra de arte a partir da sua capacidade comunicativa e relacional, reivindicando o papel transformador da arte como capaz de interferir e reformular a práxis cotidiana, ao invés de se dissolver nela. A proposta da autora se distancia de uma estética pautada somente na contemplação e o estudo do belo para abordar questões relacionadas ao processo comunicacional e o envolvimento do público que interage com trabalho artístico.

Para abarcar uma produção em que o valor material e o resultado visual da obra estão em segundo plano em relação a comunicação, ao seu conceito e a interatividade com o sujeito, esta pesquisa se sustenta em teorias estéticas como a Interestética de Arantes (2005), a estética da comunicação de Mário Costa (1995) e a estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009) que vê a obra de arte como um interstício social. Assim, é relacional “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico e privado” (BOURRIAUD, 2009, p.19). Valorizam-se as relações subjetivas entre os sujeitos e a interface da proposta artística, que se torna nada mais do que a invenção dessas relações. Para Giannetti (2006) a obra de arte interativa significa um passo em direção a mudança do foco do objeto artístico para o ponto de vista do observador, da audiência ou do usuário da obra de arte que a autora chama nesse caso de “interator”.

No simulacro da comunicação entre homens e pássaros da instalação “Telefone” (2018) há uma mensagem estética (ECO,2013). Essa mensagem precisa ser fruída



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

com a experiência da instalação, ela não apresenta um significado fechado, claro e objetivo, é ambígua de sentido e repleta de lacunas que precisam ser preenchidas pelo próprio interator com sua vivência, memória, imaginação e experiência pessoal. Segundo Eco (2013) a mensagem ambígua oferece numerosas escolhas interpretativas, “cada significante carrega-se de significados novos, mais ou menos precisos, não mais à luz do código de base (que é violado), mas do idioleto, que organiza o contexto...”. A mensagem estética (ECO, 2013) da obra de arte é formada a partir da ambiguidade que garante os limites da sua liberdade de interpretação, assim é possível fazer uso do acaso e o do ruído para compor uma obra aberta (2015) a ser interpretada, fruída, pelo público como uma experiência individualizada e pessoal. Portanto, o fechamento da obra é deixado a cargo da interpretação do interator, como uma experiência singular a partir do seu repertório e memórias sensíveis aos estímulos da obra.

É evidente que a obra possui também um contexto de criação, uma história que se confunde tanto com o trajeto percorrido pelo artista quanto as suas influências históricas, políticas e artísticas. Passados mais de 29 anos após a queda do muro de Berlim, a dissolução da União Soviética e o fim da guerra fria, a humanidade adquire o conhecimento da sua capacidade de interferir drasticamente na natureza a ponto de estarmos a um aperto de botão de uma catástrofe nuclear. Fomos responsáveis pela extinção de inúmeras espécies no planeta, mas é a primeira vez que nos encontramos diante da possibilidade iminente de nossa própria extinção. Problemas relacionados ao crescimento populacional, escassez de recursos naturais e aquecimento global tornam-se pauta na agenda de governos na tentativa de reduzir os danos projetados para o futuro caso não tomemos atitudes em relação ao nosso comportamento com a tecnologia e o planeta. Pensar que a ciência moderna pode ser nossa salvação ou destruição é compreender que não basta o desenvolvimento de novas tecnologias sem que haja concomitantemente um processo de assimilação cultural de suas virtudes e perigos por toda população. É preciso estabelecer uma ligação frutífera da ciência e da tecnologia com a natureza.

O século 21 encontra desafios ainda maiores que o passado, enquanto o “telefone vermelho” (codinome para linha de comunicação entre EUA e URSS durante a



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

guerra fria) procurava solucionar problemas de comunicação entre duas superpotências para que não houvesse uma guerra nuclear, hoje as ameaças à democracia, a liberdade, a vida e ao planeta podem surgir de qualquer parte através da desinformação, da manipulação de fatos, do controle e da vigilância ubíqua de dispositivos móveis. É surreal pensar que na era da informação e do desenvolvimento de tecnologias até então inimagináveis para humanidade veríamos tantas ameaças a liberdade e a vida no planeta. Como reagir então a essas questões no âmbito da Arte, da tecnologia e da cultura? O campo da criação artística tem o privilégio de poder ser o ponto de mutação entre os conhecimentos empíricos e científicos, das ciências sociais e das ciências exatas, do imaginário e da experiência, do real e do ficcional, de métodos distintos a fim de construir significações para compreensão ou mesmo reflexão do mundo que nos circunda.

A aproximação da Arte com a ciência não deve engessar as suas possibilidades criativas experimentais, nem transformar a ciência em ficção, mas potencializar a reflexão sobre modos diferentes de refletir sobre o mundo a fim de encontrar soluções criativas a problemas complexos como os citados acima. No projeto da instalação “Telefone” (2018), para conseguir o áudio dos pássaros procurei um Ornitólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi professor da Universidade Federal do Pará, Dr. Alexandre Aleixo, e expliquei a proposta da instalação. Ele imediatamente se mostrou disponível ao diálogo, indicou seu banco de captura de canto de pássaros e um banco de dados online de todo o Brasil chamado “Wikiaves” que já funciona a 11 anos, atualmente tem 33049 observadores, 2983724 registros e 1888 espécies catalogadas, além de outros sites como “Xeno-canto”. Porém, com exceção da captura do canto da revoada dos Papagaios que gravamos com uma equipe de áudio na própria “Ilha dos Papagaios” no Pará, usamos o banco de dados de gravação do próprio professor.

Dentre os diversos sons de pássaros fornecidos pelo pesquisador, após escolher especificamente espécies difíceis de serem ouvidas na zona urbana, adotei critérios subjetivos para filtrar sons de pássaros que fossem interessantes, peculiares e curiosos. Adotou-se o canto de pássaros distintos que conotavam sentimentos e sensações diferentes. Ao lado do telefone havia uma agenda na qual estavam



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

anotados os nomes de cada pássaro e seu respectivo número de telefone. Muitas vezes eram também surpreendidos pelo próprio telefone tocando, como em um convite a interação. Os números de discagem dos pássaros na agenda não eram aleatórios, correspondiam primeiramente ao mês e o ano da gravação (ex.: 0212), depois ao ano de catalogação da espécie (ex.: 1830).

O telefone foi programado também para tocar especificamente no horário em que os cantos dos pássaros foram gravados pelo pesquisador. Por exemplo, se um pássaro específico foi gravado às 9h30, o telefone tocava todo dia nesse horário e ao ser atendido emitia na linha a gravação do canto do pássaro. Ao todo foram usados 16 cantos de pássaros: Anambé-de-rabo-branco, Araçari Negro, Arapaçu de Spix, Arapaçu Rabudo, Ararajuba, Bacurau Rabo de Seda, Cantador Estriado, Coruja Preta, Enferrujado, Falcão Mateiro, Jacamaraçu, João Teneném Castanho, Marianinha Amarela, Pipira de Asa Branca, Rapazinho Estriado de Rondônia e Surucuá de Cauda Preta. Os nomes dos pássaros com seus respectivos números foram anotados a mão em uma agenda posicionada ao lado do telefone usando cores de caneta correspondentes a ameaça de extinção de cada espécie, azul para as não ameaçadas, vermelho para as mais ameaçadas e preto para as espécies menos ameaçadas. De todas as espécies coletadas a Ararajuba é mais próxima de estar ameaçada de extinção.

Percebe-se que a imaginação, a ficção e a cultura encontram-se intimamente ligados à ciência e à invenção de novos aparatos técnicos. É um equívoco relacionar a descoberta de novas tecnologias apenas às necessidades práticas e objetivas do homem, antes de serem atualizadas no mundo físico, estão presentes no imaginário (DURAND, 1989) e na cultura das civilizações impulsionadas pelo inconsciente coletivo (JUNG, 2008). Então, porque separar no âmbito da criação artística a cultura, a tecnologia, o imaginário e a ciência em categorias ou disciplinas distintas? É através da intervenção no projeto industrial do telefone que essas relações são evidenciadas pelo fazer artístico que se apropria do aparelho a fim de mudar sua função prática e instigar uma via de comunicação do homem com a natureza através de inovações tecnológicas.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Toda criação demanda um pensamento polissêmico, ao contrário da repetição de normas, de métodos, de modos de fazer e pensar. Vive-se em uma era de muitos inventos e aparelhos inusitados, mas poucos inventores ou usuários conscientes. Para Flusser (1985) os aparelhos podem ser comparados à caixas-pretas e os usuários podem ser divididos entre os que são capazes de intervir no seu interior para usá-las a seu próprio proveito e os que são funcionários sem compreender seu modo de funcionamento ou mesmo as intenções por trás das mesmas. Artistas sempre lançaram um olhar inusitado sobre os aparelhos e artefatos, tanto low-tech quanto high-tech, a fim de encontrar modos de fazer Arte e compor mensagens estéticas com os mais diversos instrumentos e ferramentas.

Se o telefone enquanto meio de comunicação possibilitou desde sua invenção a aproximação entre pessoas no campo simbólico, hoje também pode ser considerado um filtro da realidade. Na sua versão móvel com aplicativos, recursos multimídia e acesso a internet em tempo real o aparato torna-se uma quimera digital na qual texto, imagem, som e gestos são mesclados em uma experiência que permite ao seu usuário tanto o escape do meio que o circunda, quanto a expansão de suas possibilidades com informações em um espaço aumentado (MANOVICH,2005). Essas duas experiências se distinguem, além de outros fatores, pelo estado de imersão total ou o de imersão parcial do usuário com a interface digital do aplicativo utilizado no smartphone. Compreende-se imersão dentro de uma perspectiva subjetiva, considerando que o grau de imersão irá depender mais do envolvimento psicológico do sujeito com a interface do que o tamanho do display com o qual interage.

Para Manovich (2005) o espaço aumentado é a alteração da percepção do espaço físico com informações dinâmicas multimídia, sejam imagens ou textos em telas, projeções, hologramas ou sons, associados a uma localização, objeto ou superfície no espaço. Apesar de avanços tecnológicos recentes da realidade aumentada e da computação ubíqua, segundo o autor, esse não é um conceito restrito a tecnologia atual, mas trata-se de uma forma de ver o espaço aumentado como uma ideia e prática cultural dentro de uma perspectiva histórica. Assim, meios como a pintura parietal, a escultura e a arquitetura são exemplos tradicionais de combinação de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

espaços diferentes, como por exemplo a virtualidade de uma imagem sobre a arquitetura de um prédio. É claro que o espaço aumentado eletronicamente é único devido a possibilidade de alteração das informações multimídia através do tempo ou a cada sujeito e interação específica.

Na instalação “Telefone” (2018), o conceito de espaço aumentado é usado para compreender a experiência subjetiva do interator com a obra na combinação de espaços diferentes através da interface da instalação. Cada interação é única, o “Telefone” (2018) através do som do toque da campainha atrai a atenção do transeunte e o convida a interação, a simulação da ligação estabelece a confluência entre o espaço da imaginação do sujeito/interator, o espaço físico da galeria em que se encontra e o espaço virtual das ligações atendidas ou realizadas no aparelho. O interator está na zona urbana de Belém, mas sua percepção é expandida para a zona da floresta onde foram gravados os áudios dos pássaros e a sua própria imaginação na reconstrução desses espaços. O som do canto dos pássaros associado ao aparelho telefônico em um simulacro é o indutor para aquele que frui a instalação refletir ou apreciar ludicamente a sua experiência.

Assim, é através da experiência e dos contrastes que a instalação procura ser uma interface para se refletir esteticamente sobre a liberdade do homem, sua relação com a natureza e a tecnologia. Além do contraponto espacial, é estabelecida uma relação anacrônica entre o tempo presente dos meios digitais (aparelhos móveis, aplicativos e internet) e o passado eletromecânico (telefone residencial, redes telemáticas analógicas).

O smartphone com acesso à internet e suas tecnologias de localização tornou-se um meio único, com aplicativos conscientes de localização do usuário, usado nas mais diversas tarefas do dia-a-dia, seja para evitar o trânsito, escolher o melhor restaurante na redondeza ou ser informado sobre o que fazer no local em que se encontra. Mas, ao mesmo tempo que o dispositivo é usado para realizar essas tarefas, ele também coleta as informações de localização e preferências do usuário podendo determinar a sua ação ou se tornar um filtro da sua realidade. Para Manovich (2005) não se pode esquecer que o espaço aumentado é também um



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

espaço monitorado.

As imagens passam a ser consumidas junto com sua localização, e os smartphones se tornam também agenciadores de nossa identidade cívica (ANDERS, 2002) entre o que apresentamos no espaço físico e no ciberespaço. Definitivamente, as novas tecnologias móveis e aplicativos como “Facebook”, “Instagram” e “WhatsApp” potencializaram a espetacularização da sociedade e o culto a imagem, a construção de simulacros, a simulação e a dissimulação de muitos eventos capazes de mudar a dinâmica das estruturas que até certo momento tínhamos como sólidas. Assim, conforme coloca Baudrillard (1991, p.153):

O imaginário era o alibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna alibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação. E é paradoxalmente o real que se tornou a nossa verdadeira utopia – mas uma utopia que já não é da ordem do possível, aquela com que já não pode senão sonhar-se, com um objeto perdido.

Pensar as possibilidades poéticas do espaço aumentado é uma forma de procurar outro caminho para o uso das tecnologias disponíveis ao nosso alcance, assim como foi com a fotografia e o vídeo. A mudança de paradigma, no entanto, está na passagem do campo da representação para o campo da simulação na prática artística. Campo já amplamente explorado em jogos eletrônicos e simuladores digitais voltados ao entretenimento e a prática educacional. No entanto, a arte se distingue do entretenimento por justamente usar os meios de forma reflexiva e por vezes metalinguística, assim o jogo na arte quando acontece trás inevitavelmente elementos da realidade e do projeto poético de um artista inserido em um contexto sócio político. Portanto, compreende-se em linhas gerais que, enquanto o entretenimento é uma válvula de escape à realidade, a arte é uma ilusão que transforma o real.

Antes do início do desenvolvimento do projeto da instalação “Telefone” (2018), houve um período de observação e reflexão sobre a cidade de Belém, seus postes de energia com tantas gambiarras que mais parecem ninhos distópicos de pássaros que disputam o espaço urbano com as mangueiras e as sumaúmas, as estruturas e contrastes visíveis da cidade de tempos e tecnologias diferentes, telefones públicos (orelhões) que não funcionam em meio a um caótico espaço urbano na Amazônia.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Em um momento sem aviso surgiu a ideia da instalação “Telefone” (2018), fiquei pensando sobre ela e sua viabilização por vários dias, não queria usar qualquer aparelho moderno de telefone ou *smartphone*, inicialmente a ideia seria interferir nos telefones públicos da cidade, mas depois optou-se pela apropriação de um telefone antigo que também tivesse uma relação com o passado e pudesse contrastar com os meios utilizados hoje para comunicação.

A princípio optei pelo objeto do telefone por questões práticas e de viabilidade do projeto pois não consegui autorização para utilização dos telefones públicos, mesmo os que não funcionam. Porém, hoje reconheço que a escolha do objeto foi assertiva também do ponto de vista poético, pois o aparelho residencial é mais intimista e dialogava melhor com as outras instalações presentes na exposição “Interurbano” (2018). Com a ideia definida, iniciei o estudo do desenvolvimento do hardware e a programação do software para reproduzir os áudios usando micro controlador Arduino e o módulo de áudio DF-Player acoplados ao circuito eletromecânico do telefone analógico. Para essas etapas contei com a participação de dois engenheiros e técnicos mais experientes em Arduino, Bruno Dutra e Lucas Gouveia, ambos também da Universidade Federal do Pará.

Segundo Massimo Banzi (2011), Arduino é uma plataforma de computador físico, open-source, baseada em uma simples placa com microcontrolador para recepção (input) e emissão (output) de informações aliada a uma plataforma de desenvolvimento que implementa a linguagem de programação Processing. Esse sistema embarcado foi desenvolvido por Massimo Banzi para designers e artistas desenvolverem trabalhos interativos de forma intuitiva e acessível. O projeto de Banzi faz parte de uma mudança de mentalidade por parte de uma parcela de artistas e engenheiros da computação que resolveram trabalhar juntos para desenvolver uma plataforma que aproxima tecnologias da microeletrônica à arte, levando com isso a problematização e conscientização de várias questões referentes à influência que a tecnologia tem no nosso cotidiano.

Articulando esses fatores da produção artística, a instalação “Telefone” (2018) conseguiu construir um espaço aumentado (MANOVICH, 2005) com sobreposição



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

de informações dinâmicas, eletronicamente alternadas, sobre o espaço físico que instigou a reflexão de vários indivíduos sobre as razões de pássaros estarem ao telefone, mais especificamente em uma grande cidade na Amazônia. Sem saber que os pássaros não se encontravam mais na cidade ou como o aparelho funcionava, os interatores os escutavam e procuravam outros números ávidos para conhecer o canto de outros pássaros. A lógica da comunicação assim era transformada em uma experiência estética na qual o simulacro da ligação induzia os interatores a experimentar o canto das aves junto com suas memórias e reflexões sobre a obra.

Referências

ANDERS, Peter. **Toward an architecture of mind**. Artnodes, n. 1, 2002.

ARANTES, P. **Arte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BANZI, Massimo. **Getting Started with Arduino**. 2. ed. Sebastopol: O'reilly, 2011.

BOGBAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Martins, 2009.

COSTA, Mario. **O Sublime Tecnológico**. São Paulo: Experimento, 1995.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

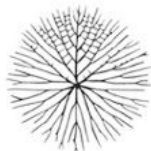
ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FOUCAULT, Michael. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GIANNETTI, C. **Estética Digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

MANOVICH, Lev. **The Poetics of Augmented Space**: Learning from Prada. 2005, Disponível em:<http://www.noemalab.org/sections/ideas/ideas_articles/manovich_augmented_space.html> Acesso em: 15 abr. 2013.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. Escrituras, São Paulo. 2001.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação**: Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad.: Ana Maria Falcão e Luis Leitão. Lisboa: Presença, 2001.

WEIBEL, P. **"The World as Interface"**. In: Druckrey, Timothy (Org.). **Technology and Visual Representation**. Nova York: Aperture Foundation, 1996.